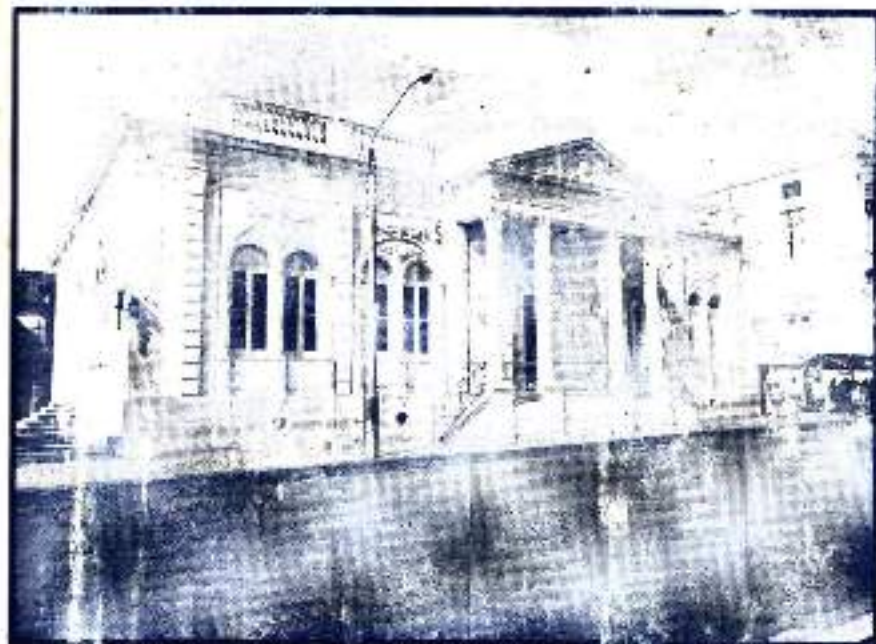


HISTÓRIA EM REVISTA



PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO
DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

Número 2 - 1996



Editora e Gráfica Universitária - UFPel

HISTÓRIA EM REVISTA

Núcleo de Documentação Histórica

UFPeI
Editora Universitária

Pelotas - Número 2 - 1996

Class:	<i>Revista</i>
Registro:	<i>585</i>
Data:	<i>24/03/97</i>
Doação:	<i>Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPeI</i>

Reitor:

Prof. Antonio Cesar Gonçalves
Borges

Vice-Reitor:

Prof. Daniel Souza Soares
Rassier

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-
Graduação:**

Prof. Alci Enimar Loeck

**Pró-Reitor de Extensão e
Cultura:**

Prof. Francisco Elifaete
Xavier

Pró-Reitora Administrativa:

Prof. Inguelore Scheunemann
de Souza

Pró-Reitor de Graduação:

Prof. Paulo Roberto Soares de
Pinho

**Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento:**

Bel. Antonio Leonel da Silva
Cunha

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor:

Jorn. Fernando de Oliveira Vieira

Gerente Operacional:

Bel. Manuel Antonio da Silva
Tavares

Planejamento Editorial:

José Hermínio Barbuchã

Diretor:

Prof. Sidney Gonçalves Vieira -

Vice-Diretor:

Prof. Sebastião Peres

**Núcleo de Documentação
Histórica da UFPel**

Coordenação Administrativa:

Profª Cláudia Mauch

**Coordenadores de Linhas de
Pesquisas:**

**Quotidiano de Pelotas (e
Região Sul):**

Profª Fábio Vergara Cerqueira

Movimentos Populares:

Profª Beatriz Ana Loner

Antropologia:

Profª Flávia Maria Silva Rieth

Imigração e Gênero:

Profª Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Profª Lorena Almeida Gill

Profª Maria Leticia Mazzucchi
Ferreira

Técnicos Administrativos:

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

**Digitação, Composição e
Diagramação:**

Mara Lúcia Vasconcelos da
Costa

Ficha Catalográfica: Vera Ruth Machado Campelo

História em Revista. Pelotas: Instituto de Ciências Humanas; Núcleo
de Documentação Histórica/UFPel, nº 2, 1996, Semestral.

1. Ciências Humanas - Periódico. 2. História - Periódico.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
II FORUM DE TEORIAS DA HISTÓRIA	
1. A SEXUALIDADE NO BRASIL COLONIAL	09
Luiz Mott	
2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTATUTO DO TEXTO HISTÓRICO.....	29
Themístocles Cezar	
3. O DIÁLOGO TENSO ENTRE PAUL VEYNE E MAX WEBER.....	47
Adhemar Lourenço da Silva Jr.	
PESQUISAS DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel	
1. O ASSENTAMENTO DA PALMA: a individualização do coletivo.....	65
Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Paulo Mattos, César Reis Gomes, Rodrigo Dias	
2. OS JUDEUS EM PELOTAS.....	85
Lorena Almeida Gill, Jairo Luis Fleck Falcão	
HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA	
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES.....	97
Álvaro Moreira Hypolito	
2. O PODER ATRIBUÍDO À MÚSICA NO IMAGINÁRIO GREGO: SUAS MANIFESTAÇÕES E SUAS FUNDA- MENTAÇÕES CULTURAIS	107
Fábio Vergara Cerqueira	

3. FOTOGRAFIA E DOCUMENTO: DUPLICIDADE INALIENÁVEL	137
Francisca Michelon	
4. A INDÚSTRIA DE ENERGIA ELÉTRICA EM PELOTAS	149
Gunter Axt	
5. NO LIMITE DA VIDA? NOTAS SOBRE VELHICE E MORTE	175
Maria Leticia Mazzucchi Ferreira	
6. O ENSINO DA HISTÓRIA: CONCEPÇÕES E METODOLOGIA.....	189
Paulo André Passos de Mattos	
7. O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO DE PALMARES.....	201
Pedro Paulo A. Funari	
ENTREVISTA COM OTÁVIO BRANDÃO	209
RESENHAS	
1. Resenha do Livro de GENRO, Tarso. "Utopia possível".....	255
Delamar José Volpato Dutra	
2. Resenha do Livro de Priore, Mary Del. "Festas e Utopias no Brasil Colonial".....	261
Edgar Rodrigues Barbosa Neto	

APRESENTAÇÃO



O Núcleo de Documentação Histórica da UFPEI foi criado em março de 1990 tendo como propostas iniciais resgatar e conservar documentos relativos à própria instituição, bem como desenvolver acervo que tivesse como temática organizadora, o movimento operário na cidade de Pelotas. Passados seis anos de sua fundação, o Núcleo ampliou sua abrangência para outras linhas de investigação, contando atualmente com cinco pesquisadores vinculados ao Departamento de História e Antropologia, dois técnico-administrativos e alunos bolsistas, cujas pesquisas tematizam sobre o cotidiano, movimentos sociais, imigração e gênero.

A trajetória que vem trilhando o Núcleo de Documentação nessa sua recente existência mostra sua disposição em abrir-se aos mais variados objetos de investigação, às mais diferentes formas de abordagem do real, concebendo em seu interior profissionais de áreas diversas como historiadores e antropólogos num diálogo extremamente profícuo e contemporâneo que adquire visibilidade na revista que ora trazemos ao público.

OS JUDEUS EM PELOTAS



Lorena Almeida Gill*

Jairo Luis Fleck Falcão**

O desenvolvimento do tema "Os judeus em Pelotas", surgiu de três pesquisas que vem sendo realizadas pelo Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, desde o ano de 1994. A primeira destas intitulou-se "Os judeus em Pelotas, RS: da perseguição ao estabelecimento (1870 -1950)", e surgiu como uma proposta de preservar a memória judaica em nossa cidade, pois verificamos que praticamente não existia uma história escrita sobre esta região, onde organizou-se uma das maiores comunidades judaicas urbanas do Rio Grande do Sul, no início do século.

Através deste trabalho realizamos toda uma pesquisa bibliográfica, levantando dados sobre os primeiros imigrantes e seus descendentes, e o seu estabelecimento até 1950, ano em que praticamente cessa a vinda de imigrantes judeus para o Brasil. Após este primeiro período acreditou-se necessário "tematizar" nossa análise tendo em vista que as entrevistas por nós realizadas permitiam-nos um leque de abordagem mais ampla. Os principais temas propostos foram: imigração judaica para Pelotas, vida cultural e tradições, relações de

* Professora do ICH/UFPel, Mestranda em História pela PUC-RS.

** Licenciado em História.

gênero no judaísmo, posição sobre o conflito Israel x Palestina, repercussão da II Guerra Mundial entre a comunidade judaica em Pelotas.

A partir destas discussões, duas outras pesquisas começaram a desenvolverem-se. A fim de trabalhar com a categoria gênero de forma específica, pretende-se analisar o tema "A mulher judia em Pelotas (RS): lembranças de uma história (1920 - 1995)". O desafio que se coloca neste momento é o de justamente aliar a discussão sobre a imigração judaica e a chamada história das mulheres percebendo a riqueza que existe em combinar gênero e etnia. O marco temporal utilizado prende-se ao fato de ser nas primeiras décadas do século XX, que chegaram um número expressivo de judeus à nossa cidade, tanto assim que em 1920, já mais organizados, fundam a Sociedade Israelita.

A trajetória e desenvolvimento da comunidade judaica na cidade de Pelotas, apresenta-se ainda hoje pautada por inúmeros vazios. Num movimento crescente de desagregação e descontinuidades, as próprias tradições já demonstram-se alteradas. No entanto, pensamos que há um longo período de história subterrânea a ser pesquisado e particularmente nos interessa, nesse momento, um recorte de gênero dentro dessa categoria étnica. Abordar a posição da mulher nessa comunidade é fazer uma história social, mas também uma história "vista de baixo", nas palavras de Jim Sharpe (1992), no sentido de que a "história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar" (SHARPE, 1992:62).

Quando optamos em fazer este recorte de gênero, não pretendemos, de uma forma isolada tematizar as "mulheres". Conforme RAGO (1994), a preocupação em se trabalhar com a história das mulheres deve ser a de evitar posições fixas e que pareçam naturais, para se resgatar as relações de poder, verificando como as referências culturais são sexualmente produzidas.

Nosso objetivo portanto, será o de contar a história da imigração judaica para o Rio Grande do Sul e sobretudo para Pelotas, a partir da voz feminina, percebendo a mulher não mais como um sujeito a-histórico ou, em outro extremo, como uma heroína, vítima das circunstâncias. A mulher que buscamos é a mulher com toda a sua humanidade e por isso com contradições, é a mulher que tem expectativas e sonhos com a nova vida, é a mulher que possui a importante função de guardiã da memória e na medida em que é sobre ela que repousa a transmissão cultural, caberá também a ela imprimir este caráter de coesão ao grupo do qual faz parte.

De outro lado, pretendendo discutir as "tradições culturais" do judaísmo em Pelotas, a partir do enfoque das três últimas gerações⁴², suas rupturas e continuidades, desenvolve-se outra pesquisa que se intitula "Os judeus em Pelotas, RS: Memórias de uma Cultura (1930 - 1995)".

A cada geração que passa, vem ocorrendo algumas rupturas em relação ao modo de pensar dos primeiros imigrantes. No

⁴² Para fins de estudo se englobou as gerações de imigrantes, numa geração apenas, ou seja aqueles judeus que nasceram até 1940 como da primeira geração, os que nasceram até 1960 como de segunda geração e a terceira geração, os que nasceram até 1980.

início quando da imigração para Pelotas, como vinham de vários centros trouxeram consigo uma grande "bagagem cultural" que os possibilitou a organização e fundação de instituições próprias. Fundaram "Sociedades Israelitas", e a "Escola Israelita Pelotense", o que representou a preocupação desta primeira geração em manter as tradições do judaísmo.

A primeira e a segunda geração tiveram uma maior divulgação cultural, devido a escola que ensinava um pouco mais de religiosidade do que hoje. Mas no final dos anos quarenta, esta escola desaparece totalmente.

Atualmente parte da segunda e a terceira geração demonstram por vários motivos, que serão aprofundados no desenvolvimento do projeto, uma certa despreocupação com alguns valores do judaísmo. Embora sendo uma das comunidades mais importantes do Rio Grande do Sul como já foi dito, em Pelotas não existe um rabino e a Sociedade Israelita praticamente só funciona em feriados religiosos considerados fundamentais.

Os judeus, com o passar dos anos foram se inserindo na sociedade pelotense e conquistando espaço, ao mesmo tempo que absorviam algumas representações culturais dessa sociedade. Apesar das grandes diferenças que ocorrem na Comunidade Israelita pelotense entre as gerações que a compõe hoje, existe um forte elo de ligação, principalmente no que tange ao aspecto de "ser judeu". Todos se dizem brasileiros em nacionalidade e israelitas em religião, o que identifica um apego a terra que os acolheu, mas ao mesmo tempo uma consciência de pertencimento a uma cultura específica.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

As origens do anti-semitismo remontam ao nascimento do cristianismo, já que os judeus serão responsabilizados pela morte de Cristo.

De acordo com RICHARDS (1993) ainda que os judeus vivessem livremente entre os cristãos, eles eram potencialmente propícios à perseguição e a busca de bodes expiatórios, pois constituíam uma minoria que possuía alimentação, leis e serviços religiosos distintos, estando ainda associados à magia e à medicina, práticas terríveis e suspeitas durante esse período.

A história dos judeus enquanto trajetória social foi marcada pela intolerância. Durante a Idade Média e Moderna, sua mobilidade foi restringida, o que fez com que abandonassem as atividades comerciais e praticassem a usura, no entanto esta opção os torna mais vulneráveis e impopulares. A onda de perseguição os obrigou a requerer "proteção" junto às monarquias européias, mas isto foi obtido através do pagamento de altas quantias, para a manutenção de normas de proteção próprias, e no momento da crise econômica, sob o pretexto de que ocupavam as melhores posições e "empestavam" a estrutura estatal, serão novamente os judeus, os culpados. No período contemporâneo, nada nos causa mais terror do que o massacre praticado pelos nazistas. Entre 1941 a 1945, este custou a vida de mais da metade dos 10 milhões de judeus dos territórios europeus, que estavam sob o domínio dos alemães.

Às vésperas do terceiro milênio, ainda nos deparamos com a dificuldade de conviver com as diferenças. Problemas sociais,

étnicos e religiosos continuam na ordem do dia, razões portanto, não nos faltam para desenvolver estes trabalhos.

A comunidade judaica de Pelotas, é constituída atualmente de 85 famílias, sendo em grande parte procedentes de países eslavos, os "aschquenazin". Os "sefaradin", judeus originários da Espanha constituem uma minoria⁴³.

Em 1891, foi fundada a "Jewish Colonization Association" (JCA ou ICA). Esta entidade possuía um projeto de colonização judaica para os Estados Unidos, Canadá, Argentina, Palestina e Brasil e em 1902 já havia adquirido 5.767 hectares no município de Santa Maria. Em 1903 houve o estabelecimento do primeiro núcleo de colonização judaica em Filipson. Seis anos depois, a ICA comprou área superior a 93 mil hectares de terra, no município de Passo Fundo, a fazenda de Quatro Irmãos.

Enquanto a vocação, pelo menos inicial dos judeus que foram para as regiões anteriormente citadas, foi uma vocação agrária; em Pelotas, os judeus, desde o seu início, dedicaram-se ao comércio.

⁴³ A comunidade "sefaradin" é expulsa da Espanha em 1492. Conforme Novinsky (1985) neste ano os reis católicos, a partir dos lucros que haviam recolhido com o confisco dos bens dos cristão-novos, venceram os mouros em Granada, provocaram a unificação política da Espanha e expulsaram os judeus. A partir daí os "sefaradin" espalham-se pela Turquia e algumas regiões do Oriente Médio. Já a comunidade "aschquenazin", que teve no "idisch", a língua com a qual se comunicava, parte principalmente devido aos "pogroms", que começavam a se intensificar novamente (note-se que esta prática foi comum durante a epidemia de peste negra em 1348) e tendo em vista a obrigatoriedade do serviço militar na Rússia e na Polónia. A partir de 1933, com o advento do nazismo, novos refugiados chegam ao Brasil. O sonho com a América, foi um sonho de liberdade, liberdade sobretudo de ir e vir, já que a todo o momento eram identificados e, simplesmente por serem judeus, deveriam ser punidos.

Conforme EIZIRIK (1986) antes mesmo da década de 20, foi organizada uma entidade, cujo nome era "Laispar-Casse", fundada pela família Galanternick (primeiros imigrantes a chegar em Pelotas), que fazia empréstimo aos judeus que queriam adquirir mercadorias para vendê-las, de casa em casa, à prestação.

Ainda que muitas obras venham sendo produzidas sobre os judeus e o próprio judaísmo, no Brasil, os estudos sobre imigração são ainda reduzidos, possibilitando-nos um campo aberto para pesquisa.

A COMUNIDADE JUDAICA EM PELOTAS

Em 1920 foi fundada a Sociedade Israelita Pelotense que vai funcionar na rua Félix da Cunha. Marco fundamental do início de uma vida social em que as tradições judaicas serão ritualizadas com maior ênfase, congregando aqueles judeus que vinham se estabelecendo em Pelotas e que tinham necessidade de se reunirem. A partir deste momento a imigração será intensificada.

Na década de 30 duas outras instituições começam a funcionar: a Associação da Mocidade Israelita Pelotense, que chegou a ter oitenta associados e desenvolveu atividades culturais, sociais e esportivas e na Sociedade Israelita Pelotense Aschquenazita, uma escola que ensinava religião, idisch e hebraico para os filhos dos imigrantes.

O ensino era fundamental para aquela comunidade que vinha se firmando em Pelotas, e demarcando o seu espaço dentro de uma diversidade cultural, que era a nossa cidade. Já haviam

conquistado algum êxito na vida econômica pelotense, mas também enquanto religião tinham as suas sociedades; agora era difundir a religiosidade ensinando as tradições para seus descendentes, para poder mantê-la. Neste ponto a escola era importante porque completaria o ensino religioso dado em casa. Ao final do ano letivo os alunos do Colégio Israelita Pelotense participavam de representações teatrais. Havia ainda os amadores que apresentavam teatro idisch. Nesta época existia uma aglutinação, os judeus se reuniam e preservavam suas tradições, relembrando sua história. Na década de 40 os grupos de artistas judaicos que se apresentavam em Porto alegre também vinham à Pelotas.

O Professor Theodor Pilownic em entrevista ao NDH, nos conta como ele iniciou-se na vida religiosa, como começou a estudar e conhecer melhor a sua religião:

"Ali que eu comecei a ver tudo o que se relacionava com a minha religião, comecei a ver a Torá, que é nosso pergaminho religioso mais sagrado, comecei a ver os feriados, o Rosch Ashaná e Yom Kipur e outros feriados (...). Com seis anos frequentei o Colégio, e depois comecei a ir para lá, e aí a Sociedade Israelita abriu um colégio também, ela teve antes de eu entrar, tiveram dois professores aqui, um ensinava judeu para os jovens mais velhos do que eu (...). O meu primeiro professor de judeu foi (...) Isaac Shumainster (...) dois ou três anos ele me lecionou (...). Depois tive mais um professor, chamava-se, o sobrenome era Segal (...). O que eles nos ensinavam, na turma de minha geração é o que nós chamamos de idisch (...) quando iam iniciar o hebraico, por motivos que eu ignora fecharam a escola".

A escola foi fechada no final da década de 40, e em 1947 e 1948 quem lecionou foi a professora Sara Gruschwisky. No último ano ela tinha um grupo de 29 alunos entre filhos e netos de imigrantes.

Os judeus da primeira e segunda geração em Pelotas, conservam suas tradições, preocupando-se muito com os rituais religiosos.

Como um locus, onde a exclusão feminina é mais observável, temos o momento de celebração de alguns destes rituais.

Há a necessidade da presença de homens para a realização do culto, no momento do sepultamento para a entoação de cantos e assim por diante. A sra. Célia Pekelman em seu depoimento assim nos coloca:

"A mulher na religião judaica era posta de lado, sempre é posta de lado. Ela não conta como pessoa, digamos. Na nossa reza exigem dez homens, para que ela se realize, digamos uma reza em intenção aos mortos, ou para ler a Torá, ou para qualquer coisa tem que ter dez homens, pode ter vinte mulheres que não adianta nada, se não tiverem dez homens".

Sobre a mesma questão manifesta-se a sra. Amália Pilownic da seguinte maneira:

"A nossa condição dentro da religião era sempre meio assim secundária, sabe? E na Sinagoga a mulher não se mistura com o homem. O homem é quem reza, o homem é que carrega a Torá, o homem é que está no centro, as mulheres ficam afastadas, não é? Havia ainda o lugar das mulheres e o lugar dos homens, as mulheres não se misturam".

A religião judaica coloca como função primordial para a mulher, a tarefa de procriar como aborda a professora Estela Borenstein:

"Dentro do judaísmo, a mulher tem muita importância e é muito considerada, porque ela é considerada, assim, uma super-mãe, a mãe judia (...)"

CONCLUSÃO

Os projetos que pretendemos desenvolver tem como opção metodológica principal a história oral e de uma forma específica a história biográfica. De acordo com Prins (1992) a revisão da vida é o produto de muitas reminiscências, cabe aos historiadores fazer uso de tais reminiscências, dando voz aquelas que não se expressam no registro documental.

Discutir a memória, enquanto um dos suportes da história nos parece fundamental. Colocada em um sentido mais amplo, a memória é a "propriedade de conservar certas informações, reenviando-as, em um primeiro lugar, para um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas" (LE GOFF, 1984: 11).

Disposta na interface entre o individual e o social, a memória está na base para a compreensão da identidade social. Neste sentido, o que o sujeito lembra ou esquece são experiências e sinais socialmente decodificados.

As lembranças de cada indivíduo estão intimamente relacionadas com o grupo do qual ele faz parte, é o que Halbwachs (1990) coloca como a memória coletiva. Diz ele que a atualização da

memória através da lembrança só pode ocorrer a partir das solidariedades múltiplas, às quais estamos engajados, como a família, o trabalho e a religião.

Para que possamos compreender como deu-se o processo de imigração judaica é imprescindível que percebamos este quadro social. Alguns imigrantes vieram sozinhos, para que um pouco mais estabelecidos pudessem mandar buscar os seus; outros, vieram com suas famílias, todos no entanto, estavam vinculados a um grupo, que os possibilitava todo um quadro de referências.

A memória vincula-se sobretudo à vivência familiar. Conforme Lins de Barros (1989) a importância do grupo familiar como elemento referencial para a construção do passado, vincula-se ao fato de ser a família tanto o objeto de recordação do passado, quanto o espaço no qual estas recordações são lembranças.

A partir da memória de imigrantes e descendentes de judeus, vinculados a uma vivência social, pretendemos reconstruir sua cultura e a história das mulheres judias.

Os projetos encontram-se em fase inicial e ainda que trabalhemos com nossa região de uma forma específica, nossa pretensão com estas pesquisas é a de contribuir para uma discussão mais ampla sobre os rumos do judaísmo, vinculando-o às transformações do mundo contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, E. Lembranças de Velhos. SP: Edusp, 1987.
CHIAVENATO, J.J. O Inimigo Eleito: Os Judeus o Poder e o Antisemitismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

- CYTRONOWICZ, R. Memórias da Barbárie: A História do Genocídio dos Judeus na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- UZZERIK, M. Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul. Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1985.
- _____. Imigrantes Judeus: Relatos, Crônicas e Perfis. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1986.
- ENGEL, M. História da Cultura: buscas e caminhos. Ágora, Niterói.
- HUNT, L. (org.). A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HAIHWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, J.(org.). Memória, história. Enciclopédia Einaudi, Vol. 1, Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
- _____. História e Memória, 2ª edição, Campinas: UNICAMP, 1992.
- LESSER, J. O Brasil e a questão judaica. São Paulo: Imago, 1994.
- LINS DE BARRROS, M. Memória e Família. Estudos históricos, n. 3, 1989.
- MULQUES, M. e outros. História de Vida: Imigração Judaica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Vol. 1 e 2, Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 1989.
- NICOLAIEWSKY, E. Israelitas no Rio Grande do Sul. Ed. Garatujá, 1985.
- NOVINSKY, A. A Inquisição, 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PERROT, M. Os excluídos da História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- POLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro, Vol. n. 3, 1989, p. 3 - 15.
- PRINS, G. História Oral. In: BURKE, P. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- RAGO, M. Do Cabaré ao Lar, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.
- _____. As mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Z.L. da. Cultura histórica em debate. São Paulo: UNESP, 1994.
- RICHARDS, J. Sexo, Desejo e Dnação: As minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- SCLYAR, M. Caminhos da Esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Riccel, 1992.
- SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- SHARPI, J. A história das mulheres. In: BURKE, P. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. THOMPSON, P. La voz del pasado. La historia oral. Valência: Alfons el Magnànim, 1988.